

UMA PROPOSTA SIMPLIFICADA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS BÍBLICAS

Rita Maria Gomes¹

Resumo

A metodologia de exegese bíblica supõe vários critérios que vão desde a crítica textual à atualização hermenêutica, passando pelos métodos e abordagens. O objetivo desta proposta é tornar acessível a qualquer leitor em língua vernácula a análise de narrativas bíblicas. Nesta comunicação proponho uma simplificação desses critérios em oito passos: delimitação, tradução instrumental, situar o texto na obra, análise de conteúdo, comparação sinótica, história das tradições, análise teológica e atualização [hermenêutica]. Espera-se como resultado uma maior familiaridade dos leitores em geral com o texto bíblico.

Palavras-chave: Metodologia. Exegese. Hermenêutica.

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é a Palavra de Deus e o biblista é um ouvinte, um discípulo e um servo da Palavra. Por isso mesmo, a Palavra é o ponto de partida e não o leitor. A Bíblia para os cristãos é inspirada e não se pode prescindir disso. Na condição de livro inspirado, ela contém a Palavra de Deus. Porém, vale recordar que a Tradição é maior que a Palavra enquanto livro, pois o livro nasceu da Tradição e depois se tornou normativo para ela.

A Bíblia é texto e como tal é feito para ser lido. Enquanto não é lido, ele não tem sentido para seu leitor. Além disso, ler é atribuir um significado, por isso não existe leitura desinteressada. Em síntese, o objetivo geral da leitura de um texto é tentar escutar o que o texto diz e não o que eu quero escutar.

¹ Doutora e mestra em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professora e pesquisadora na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Email: rita.gomes@unicap.br

A proposta desta comunicação vai na contramão da compreensão habitual de que análise de texto bíblico é “coisa de especialista” e tenta, com alguma liberdade, transpor os limites e tornar acessível a análise aos não-especialistas. Para isso, propõe alguns passos que são, na verdade, adaptação e simplificação do caminho estabelecido para a análise dos textos bíblicos.

2 PRESSUPOSTOS PARA UM ESTUDO DO TEXTO BÍBLICO

Ao estudar um texto é necessário fazer uma leitura pessoal e argumentativa. Além de ser pessoal, precisa também ser argumentativa. Uma vez que se identificou elementos novos, é necessário confrontar sua leitura com a de outros autores. Isso significa que só depois de uma primeira leitura pessoal aprofundada se autoriza a consulta a comentadores. Em geral, os estudantes procuram os comentadores quando precisam fazer um trabalho de Bíblia. Esse não é o melhor caminho há um grande risco de ficar com o olhar “viciado”, ou seja, a leitura ficar condicionada às percepções do comentador consultado.

Existem três formas de abordagem da Escritura: sincrônica, diacrônica e hermenêutica (Egger, 1994; Vito, 2016). A sincrônica considera “o mundo” dentro do texto e nela se busca a intenção do texto. A diacrônica considera “o mundo” por trás do texto e se busca a intenção do autor. A hermenêutica considera “o mundo” diante do texto e nela se busca a intenção do leitor.

3 CRITÉRIOS BÁSICOS PARA O ESTUDO CRÍTICO DE TEXTO BÍBLICO

Críticamente, o primeiro elemento a ser considerado é o texto “original” ao qual se tem acesso nas edições críticas. Uma leitura crítica do texto requer o conhecimento da língua na qual o texto foi escrito. Por isso, em nível de mestrado e doutorado o conhecimento da língua do objeto de estudo é exigido.

O segundo elemento é a crítica textual. O que aqui se denomina crítica textual é averiguação documental (Silva, 2022; Egger, 1994) e ela não

deve ser confundida com a crítica ou análise literária de textos, nem com questões de interpretação ou de tradução. A crítica textual considera apenas o processo de grafar/copiar, em sua materialidade, nos documentos ou cópias mais antigos. A crítica textual tem como perguntas de base: 1) O que estava materialmente escrito no texto original? 2) Quando a mesma frase, nos manuscritos antigos, se encontra copiada em formas divergentes [variantes], como se sabe, qual a forma certa?

Para verificar as “variantes” e utilizar o “aparato crítico” que vem no rodapé das edições críticas dos textos em grego e hebraico, é necessário ter feito um curso específico de crítica textual. No entanto, o estudioso não especialista, encontra informações a respeito desse assunto nas notas das Bíblias eruditas e em comentários (Silva, 2022). Para o estudo comum, geralmente, considera-se apenas os casos importantes, principalmente os mencionados no aparato crítico simplificado do *The Greek New Testament* (GNT). Essa edição costuma trazer uma indicação das variantes mais confiáveis e das menos confiáveis que vai de A a D.

Um terceiro elemento importante a ser observado é a coerência do texto. O texto parece acidentado? Há saltos que complicam a compreensão? Há indícios de enxertos? Há glosas [comentários inseridos no texto]? Para fazer esse tipo de análise há uma série de passos de caráter muito técnico a serem observados. Isso realmente torna o estudo aprofundado da Bíblia “coisa de especialista”. Mas, será mesmo assim?

4 NOSSA PROPOSTA PARA ANÁLISE DE TEXTOS NARRATIVOS

Nossa proposta visa a matizar essa afirmação anterior e mostrar que ela ainda que não seja incorreta é ao menos exagerada. Os passos seguintes pretendem ser uma alternativa para aqueles e aquelas que não são especialistas da Bíblia nem conhecem as línguas originais dos textos e menos ainda o intrincado aparato exegético, mas desejam entender melhor os textos bíblicos.

Primeiros passo: delimitação

A delimitação tem a ver com a pergunta: onde começa e onde termina o texto? Embora as Bíblias em língua portuguesa tragam títulos e subtítulos, isso não significa que se deva concordar com eles, pois não fazem parte do texto bíblico. É necessário recordar que mesmo as divisões entre capítulos e versículos é algo posterior à escrita do texto bíblico.

A divisão em capítulos remonta ao ano 1228 e ao trabalho de Stephen Langton, e a inserção dos versículos numerados ao ano 1527 e se deve ao trabalho de Santo Pagnino. A divisão em capítulos e versículos que se impôs se deve a Robert Stephanus², em 1551. Por isso, faz-se necessário estabelecer os limites do texto [início e fim]. A esse texto delimitado damos o nome de perícope.

Na Bíblia encontramos ao menos dois tipos maiores de textos: narrativos e discursivos. Esta proposta ocupa-se dos textos narrativos. Os textos trazem indícios que permitem perceber os limites, tais como: espacial, temporal, actancial e temático. A base para a delimitação de perícopes em textos narrativos deve ser buscada nos elementos da lógica semita como o paralelismo de membros. O paralelismo estendido constitui uma inclusão. A inclusão pode ser de ordem lexical, semântica e/ou temática.

Segundo passo: tradução instrumental

Uma vez identificados os limites do texto, faz-se necessário estabelecer uma “tradução instrumental”, isto é, um texto de trabalho. Mesmo quando se usa o texto original, apresenta-se o texto numa tradução instrumental que deve ser o mais literal possível. Caso não tenha conhecimento do texto original, deve-se buscar traduções mais próximas aos originais. No entanto, nada impede que o estudioso estabeleça seu texto de trabalho a partir da consideração de algumas traduções. Geralmente se dispõe o texto de

² A divisão em versículos numerados tem uma história divergente dependendo de quem narra. A SBB afirma que foi iniciada por um rabino judeu chamado Isaac Nathan em 1440 quando adicionou essa subdivisão à Bíblia Hebraica e a Robert Stephanus [Estienne] a inclusão no Novo Testamento. A versão católica aponta como iniciador da subdivisão em versículos Santo Pagnino, um judeu convertido, no ano de 1527.

trabalho em disposição analítica. Cada proposição, normalmente caracterizada por verbo e sujeito seja posta numa nova linha. É criterioso esclarecer termos menos comuns ou sujeitos a má compreensão.

Terceiro passo: situar o texto na obra

Espera-se que o texto a ser analisado seja situado no contexto da obra, contexto amplo e contexto imediato. Isso significa que será necessário situar o texto em estudo no contexto imediato, isto é, os textos que antecedem e que seguem imediatamente, completando o que já foi constatado na delimitação. Observe-se como o texto em estudo se relaciona com esses contextos. Isso significa que nesse momento se faz o oposto do que se fez na delimitação. Agora é o momento de buscar os pontos de contato do texto de estudo com os do entorno enquanto na delimitação busca-se os elementos que distanciam os textos.

Num segundo momento situa-se o texto de estudo, com seu contexto imediato, no contexto amplo, isto é, na parte do livro que ele se encontra. Esse contexto amplo pode ser a seção maior na qual o texto se encontra. Um bom exemplo de contexto amplo seria a parábola de Lc 15 em relação à “grande viagem” de Lc 9-19.

Quarto passo: análise de conteúdo

Nesse ponto a pergunta norteadora é: quais elementos estruturam o texto? Aqui deve-se fazer uma observação cuidadosa do “enredo” da narrativa estudada. Observa-se se há termos ou expressões que se repetem; se há uma série de termos dentro de um determinado campo semântico; se há mudança de tempo e espaço no interior da narrativa etc. Nesse momento, com base nos elementos narrativos observados, buscar a estrutura do texto, pois ela ajuda muito na compreensão do tema central do texto.

Quinto passo: comparação sinótica

Nesse ponto deve-se fazer uma comparação sinótica da perícope

estudada. O objetivo nesse ponto é a percepção de alterações em relação à fonte. No caso dos Evangelhos sinóticos as mudanças realizadas por Mateus e Lucas do texto base de Marcos. Em caso de identificação de mudanças, deve-se buscar entender o porquê. Numa comparação entre textos da *Quelle* o trabalho limita-se a elencar em que diferem, inclusive localização na obra, e ensaiar uma explicação para as distinções.

Sexto passo: análise das tradições

Nesse ponto se busca saber qual texto do Antigo Testamento que está por trás do trecho estudado, se o Massorético [hebraico] ou o da LXX [grego]. Se em sua perícopes constar uma citação do Antigo Testamento, busca-se essa informação em um comentário.

Sétimo passo: análise teológica

Nesse ponto, deve ampliar a compreensão da temática abordada na perícopes e descoberta ao longo dos passos anteriores. Agora é o momento de relacionar o texto de estudo com outros textos da tradição bíblica. Para o estudioso menos familiarizado com a Escritura, um bom ponto de partida é a consideração de textos indicados nas referências laterais da Bíblia. É necessário atenção para não misturar já aqui uma atualização.

Oitavo passo: atualização [hermenêutica]

Nesse momento, chega-se ao ponto desejado com o estudo. É a hora de saber o que o texto estudado diz para o hoje dos leitores e ouvintes da Palavra. O que o texto permite dizer no hoje da vida pessoal, comunitária, social e política?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa exposição sumária de cada passo, entende-se que é possível uma análise criteriosa de textos bíblicos narrativos pelos leitores menos versados na metodologia exegética sem que isso represente um

grande prejuízo. Esse entendimento está alicerçado na consciência de que grandes teóricos fizeram um trabalho excelente e que beneficia muito aos amantes da Escritura que não podem ter acesso à formação exegética própria de especialistas.

Essa simplificação metodológica serve tanto para nível de graduação quanto para o público em geral. Arrisco dizer que também para o nível de mestrado que não seja focado no estudo bíblico, ou seja, para aqueles que pretendem apenas apresentar a fundamentação bíblica para algum desenvolvimento teológico sistemático. Serve ainda, e principalmente, para alimentar a fé “dos pequenos”, pois é acessível a qualquer pessoa com conhecimento básico de interpretação de textos.

REFERÊNCIAS

ORDOVÁS, Javier. Quem dividiu a Bíblia em capítulos e versículos? *Aleteia*, 14 de março de 2016. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2016/03/14/quem-dividiu-a-biblia-em-capitulos-e-versiculos/>. Acesso em: 09/09/2025.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. A divisão da Bíblia em capítulos e versículos. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/recursos/descobrir-e-vivenciar/sobre-a-biblia/a-divisao-da-biblia-em-capitulos-e-versiculos>. Acesso em: 09/09/2025.

VITO, Francikley. O texto bíblico: abordagens diacrônica, sincrônica e literária de narrativas do Novo Testamento. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 10, n. 2, p. 67–78, 2016. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/682>. Acesso em: 9 set. 2025.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*: versão 2.0. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. São Paulo: Loyola, 1994.